

nogrammas, as epygraphes, os anagrammas, os emblemas, etc., são do dominio da cryptographia; bem assim a linguagem dos surdos mudos.

Não pode ser negada a utilidade d'essa sciencia, empregada em todos os tempos, porém mais do que nunca aproveitavel no nosso seculo de communicações postaes e telegraphicas. Hoje com effeito que entrou nos habitos de todos os dias a correspondencia por meio de cartões postaes ou telegrammas, não se pode deixar de reconhecer quão preciosa pode ser uma linguagem só intelligivel para aquelles que entre si correspondem.

E' nosso fim n'este esboço expor alguns dos innumerables meios cryptographicos usados, bem como os processos de decifração conhecidos.

(Continúa)

NEMO.

A FELICIDADE NO LAR

Cartas de uma mãe a sua filha

IV

AS FLORES

Bem sabia eu que, aconselhando-te o cultivo das flores, não fazia mais que estimular um dos teos gostos mais pronunciados.

Eras pequenita e já manifestavas por ellas um amor nascente, que o estudo e a reflexão vieram mais tarde desenvolver em ti.

Ha poucas mulheres, aliás, a quem as flores não inspirem uma irresistivel attracção.

E' que na verdade as flores têm todos os predicados para se tornarem amadas: graça, frescura, perfumes suaves e poesia.

A quem lhes dispensa cuidados, ellas pagam com ineffaveis sorrisos.

Para os que choram, para aquelles cuja alma soffre, ellas têm ternas consolações, e, para todos, ensinamentos sublimes.

A linguagem muda das pequeninas flores das campinas falla ao coração e ao espirito.

Mme. Roland escreveu nas suas Memorias:

... Apenas me conseguiam distrahir com ramilhetes.

Uma flor acaricia a minha imaginação e lisongea os meus sentidos n'um grau inexprimivel: desperta com volupia o sentimento da existencia.

No tranquillo abrigo do tecto paterno, era feliz a minha infancia entre flores e livros.

No estreito espaço de uma prisão, esqueço-me da injustiça dos homens com livros e flores.

Quantas commoções doces não se experimentam em seguir o desenvolvimento de uma planta, em vê-la viver!

Como nos interessamos por ella a partir do dia em que o germen, depois de ter sabido da semente, vem, procurando a luz, mostrar a sua pequenina cabecinha verde na superficie da terra, o dia em que, terminado o trabalho de fecundação, as flores deixam cabir uma por uma as suas petalas murchas sobre a terra que as nutriu, para que ella as recolha em seu seio!

Lamento sinceramente os que, não comprehendendo as flores, não sentem por ellas senão indifferença.

Lembras-te de Picciola?

Si não fosse essa amiga do seu captiveiro, o que seria do pobre prisioneiro?

Si considerarmos o resultado obtido sobre elle por um simples goivo, seremos obrigados a convir que as flores exercem uma benéfica influencia sobre o nosso moral, e que tornal-as companheiras da nossa vida, hospedes da nossa casa, é trazer para esta mais um elemento de felicidade: é dar ingresso a amigas que nunca pagarão com a ingratição.

Para obter dellas, porém, tudo o que podem dar, é necessario não as esquecer um só dia.

Requerem as flores cuidados assíduos, e, para conhecer o que lhes convém, é necessario estudar a sua natureza com a mesma dedicação com que a mãe estuda a natureza de seu filho.

Engana-se, diz um litterato inglez, W. H. Dixon, quem considera um vegetal como uma coisa sem vida.

E' um ente que tem as suas necessidades, os seus gostos, as suas aptidões.

Si lhe dispensardes cuidados, elle não o sabe talvez, mas sente como uma creança.

Talvez!... Este talvez dá muito que pensar; não achas, querdiinha?

O que te faz hesitar, dizes tu, em cultivar flores, não é nem o trabalho, nem o tempo que é necessario consagrar a essa occupação; é a despeza a que serias arrasada pela tua ignorancia de tudo que se refere á horticultura.

Em uma palavra, temes ter de renovar muitas vezes a compra das plantas.

Esta apprehensão prova pelo menos que, si és ignorante em horticultura, não o és menos em prodigalidade.

Sinto-me feliz vendo-te nessas boas disposições; mas penso que ha meio de conciliar tudo.

(Continúa)

JULIA F.

A CIDADE E OS THEATROS

Eis-me bem embaraçado, desta vez.

Consultando as minhas notas da quinzena, está aqui o que eu leio em primeiro lugar.

« O vitriolo, tragi-comedia por Mlles Jeanne e Melusina. »

Ora, está a causa do meu embaraço, as duas autoras pertencendo ambas a esse mundo interlope, que um poeta traduzio « equivoco » e que eu chamaei ao contrario inequivoco, não sei se entreteña a leitoras d'este incidente comico, ou se deixe em silencio mais este pequeno escandalo da vida criativa.

Oh! n'insultez jamais une femme qui tombe, escreveu o maior poeta do seculo. E' certamente não a insultemos a mulher que cabe; mas valerá a pena levantá-las, essas filhas atrevidas de Fernand, netas de Manon, que Dumas idealisa na *Dama das Camelias*? Mais alegre e mais real Lambert Tiboust ri-se d'ellas nas *Mulheres de Marmore*. Rimos p'is com elle um pouco.

As leitoras da *Estação* já não devem estar de resto sem conhecer essa pequena comedia do vicio, d'uma acção tão terrivel. Tão terrivel que deixou de cama uma das duas autoras, levando a outra á Detenção — na esperança de peor! Os jornaes sizudos encarregaram-se de narrar o facto de Jeanne que, não podendo lutar de encantos com a sua rival preferida, pediu ao acido sulfurico a mais cruel das vinganças.

Sente-se já em tudo isso uma questão de amor, não é? E amor houve realmente. De mau quilate, de pessima especie, mas...

Chercher la femme dizia um celebre magistrado francez, quando se tratar de não importa que crime; d'esta vez a maxima falha: foi o homem o pomo da discordia.

Um homem! sim

Um Dom Juan voluvel, mas um amante modelo, imaginará a leitora honesta, um homem joven, bello, rico, espirituoso.

Pois bem, não! e está ahí o ridiculo de toda a peça; este homem que assim inflamou dois corações, não é nenhum Antony, mas um velho ventruado, sem belleza, sem encantos, sem espirito...

O que tinha elle então?

Uma carteira cheia, empanturrada dizem de bilhetes do thesouro.

E está ahí o duro reverso d'essa vida que pode as vezes apparecer pelo seu lado dourado, brilhante, mas que do outro não tem senão vergonha, desgraça, miseria!

Mas não é que estou moralisando!

Passemos.

Está acabado!... Findou a estação lyrica, fechou-e o Pedro Segundo

Quando o Pedro Segundo se fecha, está bem convencido, abre-se um vaeo na vida fluminense: as mundanas não tendo mais lugar certo onde se abroceer em boa companhia, desaparecem, somem-se, vão esconder o seu tedio n'alguma fazenda, ou bocejam-no em casa como M. Chouffeur.

E' a chapa annual em que é preciso não crêr já completamente, porque, por ora ainda a menor festa, qualquer espectáculo, e todo o mundo acóde.

Testemunha a concurrencia brilhante á praia de Botafogo, domingo, arrostando um sol que brilhava mas queimando.

Esplendidas, as ultimas regatas do Club Guanabareense. Nada mais bello, mais alegre do que essas festas ao ar livre, quando um scenario tão deslumbrante, sob um céu de turqueza, um sol brilhante, a bahia de Botafogo, a bella bahia de Botafogo, tinha como sorrisos de contentamento.

Por toda a praia estendia-se um enxame de figuras satisfeitas.

A corte lá estava completa. S. M. a Imperatriz vestida com toda a nobre elegancia que convém á sua magestade; S. A. a condessa d'Eu, correcta e graciosa na sua toilette d'um corte realmente artistico.

Um mundo de elegantes: as Sras. P. L. de S., M. A., dando á festa todo o chique das festas do sport in, lez.

Dos artistas que se foram, alguns, ao que parece, foram-se d'uma vez.

A Sra. Borghi-Mamo disse-nos o seu ultimo adeus, como o tenor a que já nos iam habituando, como á confissão, uma vez cada anno.

Elle não volta mais!

— E' triste, dizia um dilettanti.

— Tristissimo, minha senhora, mas consola-me a ideia de que ainda havemos todos de ouvi-lo um dia, no valle de Josaphat.

— Como assim?

— Pois não desconfiou?... Aquella voz, aquellas notas... Elle deve ter na garganta as celebres trombetas de Jerichó, as mesmas que nos hão de congregar no dia do juizo supremo!

E *Flor de Liz*?

Póde-se ouvir sem corar a ultima opera-comica que nos deu o Sant'Anna?

O nobre conservatorio dramatico, que é a authoridade constituida no assumpto, licenciou a peça; mas S. M. o Imperador retirou com toda a sua familia antes do segundo acto.

Quem terá razão?

Eu acho que a musica tem bellos trechos, e não offende os ouvidos de ninguém.

J. D.

HORAS DE OCIO

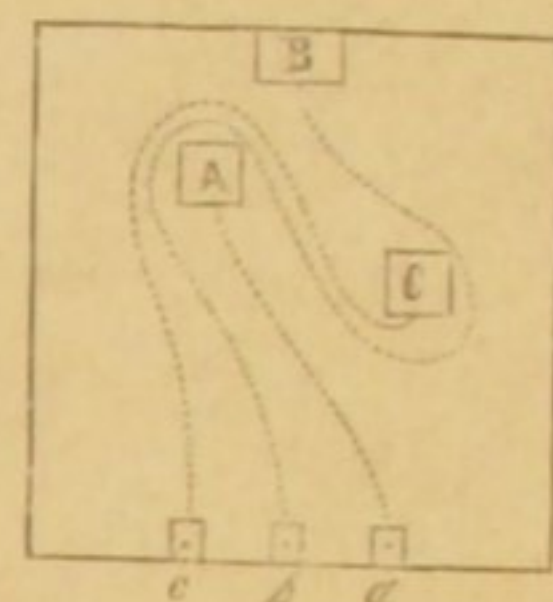
O premio dos problemas publicados no ultimo numero foi ganho pela Exma. Sra. D. C. L. 46012. Eis a resposta certa que nos enviou:

ao Recreio geographico (67)

Moça virtuosa Deos a esposa.

Macahé, Pernambuco, Caracá, Pará, Benerent, Friburgo, Araraquara, Nictheroy, Uberaba, Maceio, Pelotas, Barra, Mendes, Limeira, Cachoeira, S. Fidelis, Pindamonhangaba, Belem, Campos, Ypiranga, Carangola, Petropolis, Barbacena.

Os maus vizinhos (68)



ao problema arithmetico (69)

VIII
VIII

Eis os novos problemas para os quaes temos como premio uma carteirinha de marroquim.

70. Chronogramma.

Descobri como a phrase seguinte encerra em si a indicação do anno da proclamação da Independencia:

« Foi nas margens do Ipiranga que echoou o grito que fixou o Brazil por entre as nações livres. »

71. Cryptographia.

Ha dias encontramos na rua do Ouvidor um cartão postal com a seguinte serie de signaes; quem dirá o que significam?

a t m e o n t t o o a é v s i i r g e n s a e l o c a e
o r d t i o n q u o e t a i j u u m s z t i u ç j a
o a s n e d r a i e v m o l d e n i a l u a q o

72. Recreio geographico.

Os 23 nomes de lugares publicados como problema sob n. 62 encerram em si uma mina que cumpre explorar. Além do segundo dictado acima citado, as nossas leitoras as Ex. Sras. B. B. F. C. e Uma Nictheroyense, acham outros dois, alterando a ordem cada vez, já se vê. Cumpre que deixemos esgotada essa fonte de annexims.

NEMO.

N. B.— Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser dirigida a Nemo, no escriptorio desta folha.

CORRESPONDENCIA

53612—Campos—A remessa da *Estação* é feita com o maior cuidado pela administração, o unico culpado das faltas é o correio porquanto conservamos em nosso poder provas das nossas remessas e não ha dia em que não dirijamos reclamação á administração postal. Queira pois exigir ahí como aqui o fazemos o cumprimento d'aquillo a que se obriga o correio.

57093—Corityba—O Sr. Salingre ficou de enviar a V. Ex. amostras das cores em que pode ser tingida a peça que V. Ex. enviou-lhe.

50113—Araucaria—Não póde começar em Novembro a assignatura, nem se vendem avulsos numeros da *Mode Illustrée*. O que V. Ex. procura foi publicado na *Estação* de 15 de Fevereiro proximo passado.

62348—Ouro Preto—Agradecemos as novas a lhesões que an. ariou para a *Estação*. Já foi reformada a sua assignatura que findou em Setembro.

64017—Belém—Vai começar brevemente a publicação de uma serie de artigos sobre o assumpto indicado, firmado por pessoa competentissima.

58813—Barbacena—Foram no dia 28 os livros constantes d'encomenda. A impressão do retrato custara 200\$ no tamanho que pede, e para 200 exemplares.

66617—Campinas—A' casa Douvisy, rua do Ouvidor n. 149 A é que V. Ex. se deve dirigir directamente. E' uma casa especial de chap us para senhoras e nenhuma outra na Corte compete com ella quanto a gosto, novidade e elegancia.

LITTERATURA

LETRA VENCIDA

II

Para que heide de dizer que Beatriz deixou de dormir o resto da noite? Subentende-se que as ultimas horas dessa triste noite de 23 Abril foram para ella de vigilia e desespero. Direi sómente que tambem foram de devoção. Beatriz, logo que Eduardo transpoz a porta do jardim, atirou-se á cama soluçando e suffocando os soluços, para não ser ouvida. Quando a dor amorteceu um pouco, levantou-se e foi ao oratorio de suas rezas nocturnas e matinaes; ajoelhou-se e encommendou a Deus, não a felicidade, mas a consolação de ambos.

A manhã viu-a tão triste como a noite. O sol, na forma usual, mandou um dos seus raios mais jocundos e vivos ao rosto de Beatriz, que desta vez o recebeu sem ternura nem gratidão. De costume, ella dava a esse raio amado todas as expansões de uma alma nova. O sol, pasmado da indiferença, não interrompeu todavia o seu curso; tinha outras Beatrizes que saudar, umas risonhas, outras lacrymosas, outras pathicas, mas todas Beatrizes... E lá se foi o D. João do azul, espalhando no ar um milhão daquellas missivas radiosas.

Não menos pasmada ficou a mãe ao almoço. Beatriz, mal podia disfarçar os olhos caçados de chorar; e sorria, é verdade, mas um sorriso tão forçado, tão de obsequio e dissimulação, que realmente faria lescoirir tudo, se desde alguns dias antes, as maneiras de Beatriz não tivessem revellado tal ou qual alteração. A mãe suppunha alguma molestia; agora, sobretudo, que os olhos da moça tinham um ar febril, pareceu-lhe que era caso de doença incubada.

- Beatriz, você não está boa, disse ella á mesa.
- Sinto-me assim não sei como...
- Pois tome só chá. Vou mandar ver o doutor...
- Não é preciso; se continuar amanhã, sim.

Beatriz tomou chá, nada mais do que chá. Como não tinha vontade de outra cousa, tudo se combinou assim, e a hypothese da doença foi apparentemente confirmada. Ella aproveitou-a para metter-se no quarto o dia inteiro, fallar pouco, não fazer *toilette*, etc. Não chamaram o medico, mas elle veio por si mesmo, o Tempo, que com uma de suas velhas poções abrandou a vivacidade da dor, e tornou o organismo ao estado anterior, tendo de mais uma saudade profunda, e a immortal esperança.

Realmente, só sendo immortal a esperança, pois tudo conspirava contra ella. Os paes de ambos os namorados tinham a seu respeito projectos differentes. O de Eduardo meditava para este a filha de um fazendeiro, seu amigo, moça prendada, capaz de o fazer feliz, e digna de o ser tambem; e não meditava só consigo, porque o fazendeiro nutria iguaes ideias. João B. chegára mesmo a insinual-o ao filho, dizendo-lhe que na Europa iria vê-lo alguém que provavelmente o ajudaria a concluir os estudos. Este foi, com effeito, o plano dos dous paes; seis mezes depois, iria o fazendeiro com a familia á Allemanha, onde casariam os filhos.

Quanto ao pae de Beatriz, os seus projectos eram ainda mais definitivos, se é possível. Tratava de alliar a filha a um joven politico, moço de futuro, e tão digno de ser marido de Beatriz, como a filha do fazendeiro era digna de ser mulher de Eduardo. Esse candidato, Amaral, frequentava a casa, era aceito a todos, e tratado como pessoa de familia,

e com um tal respeito e carinho, um desejo tão intenso de o mesclar ao sangue da casa, que realmente faria rir ao rapaz, se elle proprio não estivesse namorado de Beatriz. Mas estava-o, e grandemente namorado; e tudo isso augmentava o perigo da situação.

Não obstante, a esperança subsistia no coração de ambos. Nem a distancia, nem os cuidados diversos, nem o tempo, nem os paes, nada diminuia o viço dessa flor mysteriosa e constante. Não disseram outra cousa as primeiras cartas, recebidas por um modo tão engenhoso e tão simples, que vale a pena contal-o aqui, para uso de outros desgraçados. Eduardo mandava as cartas a um amigo; este passava-as a uma irmã, que as entregava a Beatriz, de quem era amiga e companheira de collegio. Geralmente as companheiras de collegio não se recusam a estes pequenos obsequios, que podem ser reciprocos; em todo o caso,—são humanos. As duas primeiras cartas, assim recebidas, foram a transcripção dos protestos feitos naquella noite de 23 de Abril de 1861; transcripção feita com tinta, mas não menos valiosa e sincera do que se o fôra com sangue. O mar, que deixou passar essas vozes concordes de duas almas violentamente separadas, continuou o perpetuo movimento da sua instabilidade.

III

Beatriz voltou aos habitos anteriores, aos passeios, saráos e theatros do costume. A tristeza, de aguda que era e manifesta, tornou-se escondida e chronica. No rosto era a mesma Beatriz, e tanto bastava á sociedade. Naturalmente não tinha a mesma paixão da dança, nem a mesma vivacidade de maneiras; mas a idade explicava a attenuação. Os dezoito annos estavam feitos; a mulher completara-se.

Quatro mezes depois da partida de Eduardo, entendeu a familia da moça apressar o casamento desta, e eis aqui as circumstancias da resolução.

Amaral cortejava a moça ostensivamente, dizia-lhe as finezas usuaes, frequentava a casa, ia onde ella fosse; punha o coração em todas as acções e palavras. Beatriz entendia tudo e não respondia a nada. Usou duas politicas differentes. A primeira foi mostrar-se de uma tal ignorancia que o pretendente achasse mais razoavel esquecel-a. Pouco durou esta; era improficua, tratando-se de um homem verdadeiramente apaixonado. Amaral teimou; vendo-se desentendido, passou a linguagem mais directa e clara. Então começou a segunda politica; Beatriz mostrou que entendia, mas deixou ver que nada era possível entre ambos. Não importa; elle teimou ainda mais. Nem por isso venceu. Foi então que o pae de Beatriz interveio.

— Beatriz, disse-lhe o pae; tenho um marido para ti, e estou certo que vás aceitar-o...

— Papae...

— Mas ainda que, a principio recuses, não por ser indigno de nós; não é indigno, ao contrario; é pessoa muito respeitavel... Mas, como ia dizendo, ainda que a tua primeira palavra seja contra o noivo, previno-te que é desejo meu e hade cumprir se.

Beatriz fez um movimento de cabeça, rapido, espantado. Não estava acostumada áquelle modo, não esperava a intimação.

— Digo-te que é um moço serio e digno, repetiu. Que respondes?

— Nada.

— Aceitas então?

— Não, senhor.

Desta vez foi o pae que teve um sobresalto; não

por causa da recusa; elle esperava-a, e estava resolvido a vencel-a, segundo a avison desde logo. Mas o que o espantou foi a promptidão da resposta.

— Não? disse elle dahi a um instante.

— Não, senhor.

— Sabes o que estás dizendo?

— Sei, sim, senhor.

— Veremos-se não, bradou o pae levantando-se, e batendo com a cadeira no chão; veremos se não! Tem graça! Não, a mim! Quem sou eu? Não! E porque não? Naturalmente, ainda ahí algum petimetre sem presente nem futuro, algum bailarino, ou estafermo. Pois veremos...

E ia de um lado para outro, mettendo as mãos nas algibeiras da calça, tirando-as, passando-as pelos cabellos, abotoando e desabotoando o paletó, fóra de si, irritado.

Beatriz deixara-se estar sentada com os olhos no chão, tranquilla, resoluta. Em certo momento, como o pae lhe parecesse exasperado de mais, levantou-se e foi a elle para aquietal-o um pouco; mas elle repeliu-a.

— Va-se embora, disse-lhe; vá reflectir no seu procedimento, e volte quando estiver disposta a pedir-me perdão.

— Isso já; peço-lhe perdão já, papae... Não quiz offendel-o; nunca o offendi... Perdoe-me; vamos, perdoe-me.

— Mas recusas?

— Não posso aceitar.

— Sabes quem é?

— Sei: o Dr. Amaral.

— Que tens contra elle?

— Nada; é um moço distincto.

O pae passou a mão pelas barbas.

— Gostas de outro.

Beatriz calou-se.

— Vejo que sim; está bem. Quem quer que seja, não terá nunca a minha approvação. Ou o Dr. Amaral, ou nenhum mais.

— Nesse caso, nenhum mais, respondeu ella.

— Veremos.

MACHADO DE ASSIS.

(Continua)

POESIA

NO LEITO

Como estatua de marmore, na cama
Feita de linho, e sobre o nevociro
De rendas, em que rôla o travesseiro,
Que luar doce o corpo teu derrama.

Azula-o brandamente etherea chamma:
Molha-o a luz do teu olhar fagueiro:
E o sol nos teus dous olhos prisioneiro,
Embalde ir para o céu forceja e clama.

Deixa-o ir. — Fica tu serena e casta
No calor desta alcova pequenina,
Que a immensa curva azul talvez mais vasta.

Deixa-me após na luz, que me fascina,
Deste céu, em que estás, e que me basta,
Cahir morto aos teus pés, mulher divina.

(Das Conchas e Perolas.)

L. DELFINO.



F. J. G. Meyer, X. A. Lum.

Bozell

MULHERES RUSSAS

HYGIENE

(Continuação)

Constituição.— Muitos escriptores distintos tem confundido erradamente os termos constituição e temperamento.

O temperamento é o caracter saliente do organismo de cada individuo; a constituição refere-se ao conjuncto do organismo, que é bom ou mau, forte ou fraco, intacto ou doentio, são ou viciado.

Assim, um individuo de temperamento lymphatico, por exemplo, pôde ter uma constituição boa ou má, forte ou fraca, san ou viciada.

As molestias, os maus habitos, as praticas viciosas, os climas insalubres, as estações rigorosas, uma alimentação insufficiente, a miseria, os desgostos, são as causas que podem modificar a constituição, tanto nas primeiras como nas ultimas edades da vida.

E' á medicina mais do que á hygiene que cabe o tractamento dessas graves enfermidades, que se chamam *molestias constitucionaes*, das quaes as *diatheses* são a expressão mais elevada.

Aptidões physiologicas.— Independentemente da sua constituição e do seu temperamento, cada individuo tem as suas aptidões physiologicas proprias, umas innatas, outras adquiridas e desenvolvidas pela educação e pelo trabalho.

Os paes devem procurar conhecer quaes as aptidões particulares de seus filhos, afim de os dirigir na escolha de uma carreira.

Ha nada mais absurdo do que pretender fazer um engenheiro um moço que estuda as mathematicas sem gosto e sem vontade?

A educação pôde desenvolver muitas aptidões que, si não fosse a educação, não se manifestariam nunca.

uma vida segura e agradável nas veredas tão pisada, da lucta pela existencia ou da concorrência socials

Tendencias morbidas.— Como temos as nossas aptidões physiologicas, tambem temos as nossas predisposições ou tendencias morbidas que é bom conhecer para premunir-nos contra as molestias que nos ameaçam especialmente.

Um é sujeito ás inflammações de intestinos, outro ás molestias da garganta; este á ophtalmia catarrhal, aquelle ás irritações e erupções da pelle; este á neuralgias ou enxaquecas, aquelle ao rheumatismo articular ou ás congestões cerebraes.

Com um pouco de attenção chega-se a saber por que causas e em que condições essas enfermidades excepcionaes apparecem e se renovam mais facilmente; e basta então uma certa dose de vontade para conseguir attenuar-lhe os accessos.

Chamam-se *idiosyncracias* certas disposições do organismo para as quaes deve influir a attenção dos medicos, quando têm de prestar os seus cuidados a doentes affectados de qualquer dessas particularidades organicas ou funcio-naes.

Ha individuos que têm uma indigestão todas as vezes que ingerem leite, queijo etc.; outros que tem syncopes quando avistam um rato ou barata, outros que não podem tomar o ligeiro purgativo salino sem ter uma verdadeira cholera; outros cujo pulso é habitualmente lento ou vivo e intermittente.

Esses estados excepcionaes da economia devem ser



FAMILIA ARABE

O piano desentorpece os dedos e communica-lhes uma agilidade notavel.

O exercicio dá uma finura incomparavel ao ouvido e ao tacto dos cegos.

Muitos individuos que não teem mãos escrevem e pintam perfeitamente com os pés.

Quanto mais aptidões physiologicas tem um individuo tanto mais probabilidades tem de conquistar



CARAVANA DE BEDUINOS

considerados como aptidões physiologicas, mas principalmente como tendencias mórbitas, que é necessária corrigir pela educação e pelo habito.

Habito. — Dizem que o habito é uma segunda natureza.

Esta proposição não é litteralmente verdadeira.

O habito transforma, modifica, attenua e crea muitas aptidões e tendencias organicas e funcionaes; mas nunca chegará, por exemplo, a metamorphosear um temperamento.

O animal como o grão tem a sua natureza propria.

Cada ser é um todo que se assemelha aos seus analogos, mas que não é identico a nenhum de seus semelhantes.

DR. RICARDO C.

A CIDADE E OS THEATROS

Rio, 15 de Novembro de 1882.

Contrastes d'este mundo! Eis-me forçado a começar pelos mortos uma chronica da vida fluminense!

Eles tem o seu dia, os mortos, o dia de finados, essa festa dos pezares annuaes. E não é por ventura « a morte um alimento indispensavel á vida? » E mesmo um meio de vida pode-se acrescentar á definição da sciencia.

Quantos não vivem da morte do proximo!

Nem elle é sempre o que hoje é, essa morte: « um phenomeno chimico de dissolução ou desagregação » triste e fatal; ella teve ao contrario o seu tempo de gloria. A Grecia antiga, para não ir mais longe, representava-a com os attributos do amor: a belleza e um archote; e Pausanias falla-nos d'uma estatua da Noite, que tinha nos braços seus dous filhos: o Sono e a Morte, enlaçados, confundidos, unidos pelos labios e afluando os mesmos sonhos.

Nada é menos lugubre do que os baixos relevos dos seus mausoléos e dos seus sarcophagos. O marmore dança, embriaga-se como para divertir os manes que encerra, com as mais risonhas imagens da vida. Essencialmente poetico, o genio grego comprazia-se sobretudo em embellezar a Morte com a juventude; cobria-a com o véo transparente das metamorphoses. E era Jacyntho colhido por Apollo, Hylas arrastado pelas Nymphas, ou Adonis envolvido por Venus no leito dos amores celestes.

Com que graça não cahem os jovens combatentes da *Illiada*!

Não morrem, destacam-se apenas da phalange heroica como fragmentos d'um baixo relevo mutilado. O poeta comparava-os a flores colhidas, a espigas ceifadas. Morrer não era uma desgraça; morrer joven era um dom: « O homem amado d-s deuses morre jovem, ó Parmenon! » A morte não era então desfigurada pelo terror do outro mundo, nem pelos terrores da destruição; a podridão não manchava o cadaver.

A forma humana esvaia-se da sua perfeição não deixando senão um punhão de cinzas que uma urna de marmore recolhia; os adolescentes eram queimados ao romper do dia, a chama das suas fogueiras confundia-se com os primeiros fogos do aurora. E o homem evolava-se intacto da esphera da memoria, como a ideia nobre ou graciosa que elle personificara na terra.

Foi o christianismo que, aviltando o corpo em proveito d'alma, despio a Morte dos seus véos, dos seus emblemas poeticos, para dar-lhe a nudez horripilante do esqueleto e arrastá-la da foice do Tempo pagão. Ella já não tem idade, nem belleza, nem sexo; não coívida o homem ao sono, agita-o com as angustias da eternidade, aterr-o com as ameaças d'un inferno, horrifica com as atrocidades do quinto acto de *Hamlet*!

Hoje, finalmente, a Morte depoz a sua foice, a sua ampulheta, o seu archote, as azas de anjo ou de ave carniceira.

A sciencia estudou-a na sua obra e não vio n'ella senão o phenomeno fatal d'un organismo ephemero, vencido. Reação chimica, a Morte não vem mais de fóra atacar o homem, nasce com elle, surge com a sua propria essencia, é « um alimento necessario á vida! »

Todavia, apesar da sciencia, os mortos tem os seus fieis e sobretudo as suas fieis—a mulher ao contrario do homem vive mais pelo coração do que pela cabeça—que os commemoram ou mandam commemorar; e os cemiterios, com as suas multiplas manchas negras dos vestidos de lucto e os seus mantos brancos dos monumentos levantados á vaidade posthuma, um formigar de visitantes de todas as classes, apresentavam um aspecto mundano e popular ao mesmo tempo e sobretudo muito pittoresco. Uma vez por anno, não é muito.

A leitora já deve ter lido os *Papeis avulsos* do Sr. Machado de Assis, e, bastante maliciosa penetrou facilmente toda a philosophia, que em alguns dos contos o poeta encobre com a sua graça e primor de estylo. Eu contento-me portanto de annunciá-lhe mais outro livro d'outor nosso: *Quadros e Contos*, pelo Sr. Valentim Magalhães.

Eu não passei dos cemiterios aos theatros e de proposito. Para que entristecer-vos?

Quando não se tem o que se ama, é preciso amar o que se tem.

Não temos ainda a grande Sarah, applaudamos a pequena Oudin.

O theatro das Novidades dá-nos actualmente o *Marido da estreamte*, comedia em cinco actos por Meillac e Halévy, traducção do Sr. Azevedo Coutinho.

A critica das peças alegres escreve-se em duas, ou em tres palavras:

Fez rir.

Não fez rir.

O *Marido da estreamte* é uma peça alegre e fez rir.

E' tradição bem aceita que os maridos das actrizes, representam sempre um papel pouco airoso. E' legendario mesmo; mas seria injusto não reconhecer que ha excepções e no *Marido da estreamte* é o caso: o marido da estreamte não quer ser um marido de actriz.

Incomodam-n'o as ovações do publico á esposa, os cumprimentos que lhe fazem os galantes dos bastidores, e elle torna-se um impecilio á que a mulher represente, embora contractada.

E' isto—intermeado dos mais comicos episodios, de phrases cheias de espirito e scenas cheias de verdade, que pintam com muita verve o viver parisiense—que constitue os bellos cinco actos vivos, animados, que nos deu a empreza das Novidades.

A phrase com que acaba o primeiro acto é um traço profundamente caracteristico do viver das creadas parisienses.

Uma actriz, Annita, tem chegado ao seu telephone e pedido:

— Ponha-me em communicação com o visconde de Campo-Azul.

O seu amante, já se vê.

A ama partida, a creada chega-se por sua vez ao apparelho, e pede:

— Ponha-me em communicação com o quartel do terceiro regimento de cavallaria!

No desempenho do *Marido da estreamte* entra em scena toda a companhia das Novidades, mais a Sra. Oudin que estrejou no papel do estreamte.

Mlle. Oudin, aproveitavel destroço da companhia Cochelin, é extremamente graciosa; *gracilis* em toda a significação do qualificativo latino, com um rostinho sympathico, dois olhos vivos, intelligentes, e possui uma pequena voz bem agradável; mas...

Mas é franceza e falla portuguez como... o Vasques hespanhol!

Os outros interpretes já são muito conhecidos, e todos se esmeraram em bem desempenhar os seus papeis.

A leitora já possui de certo o seu chapéo *Oratorio*. E' a ultima palavra da moda, e para os dias de sol abrasador que vão vir, muito racional. Fundo, muito fundo, com as suas grandes, enormes abas que avançam, avançam, o rosto fica tão bem anichado lá no fundo, como uma imagem de madona, e pode-se ir ali fazer as suas orações, o rosto contra o rosto, os labios roçando-se, completamente ao abrigo dos olhares indiscretos ou ciumentos.

Creio que é mesmo d'ahi que lhe vem o nome de *Oratorio*.

Quem foi que disse que da discussão nasce a luz?

Quem disse isto ignora sem duvida que foi d'uma longa discussão havida quinta-feira no Principe Imperial, que sahiram essas trevas que ha tres dias envolvem a cidade com a sua tristesa.

Foi depois de muito discurso, muita rhetorica que o commercio, a advogacia, a imprensa assentaram em reprobria a Gaz Company não consumir mais o seu gaz. E agora é preciso ver o ar sinistro que apresenta a cidade desde então. Por toda a parte, tristes velas tentando inutilmente illuminar, o velho lampeão, todos os antecessores do gaz banidos pelo progresso reassumem o seu reinado, mas sem substituirem o brilho resplandecente do seu rival.

Realmente não valia a pena tanto barulho para não nos dar senão trevas.

Eu acho mesmo que é uma falta de galanteria com o bello sexo esta escuridão da rua do Ouvidor, essa via lactea sempre tão alegre, tão inundada de luz, que era o passeio favorito da *high-life* fluminense! E vós mesmo, Mr. Holman, Esqr., que do alto dos grossos interesses que presidis, contemplaes este espectáculo, confesseis, não deveis estar lá muito satisfeito de ter provocado tantas desordens quantas tolices.

Vamos portanto, meus Srs., um bom movimento todos e harmonisemo-nos com a luz.

Nem eu invento, quando deixo ver que as fluminenses podem estar deveras irritadas com essas trevas que lhes interdizem o seu passeio na rua do Ouvidor; a uma ouvi eu levar a sua colera até ao calembourg.

Discutia-se o facto, estas clamando contra a incuria do governo, aquellas contra a sovinnaria do commercio, uma finalmente definindo assim o procedimento da companhia:

— Um acto de *old man*!

A juntar á lista dos crimes impunemente commettidos por causa da questão do gaz.

Foi na mesma roda entretanto que n'outro da se fallava assim da Sra. C.:

— Que luxo, hein!... Ella deve gastar muito conto de réis...

— O marido ganha trezentos mil réis por mez.

— Mas é, dizem, muito feliz ao jogo.

J. DANTAS.

BIBLIOGRAPHIA

PAPEIS AVULSOS, por Machado de Assis. — Para todos os que escrevem e para todos os que lêem, é patente que uma grande e fecunda renovação se operou no espirito do autor das *Chrysalidas*, e que o Machadinho de 1860 se transformou n'um escriptor poderoso e sobrio, perscrutador, original, moderno.

Data essa renovação das *Memórias posthumas de Braz Cubas*, livro tão escassamente entendido e em tanta maneira admiravel, que já teria feito a volta do mundo, se não fosse escripto em portuguez.

Os *Papeis Avulsos*, dados agora a publico, obedecem visivelmente á nova orientação litteraria do autor e continuam com o mesmo brilhantismo a sua segunda maneira, que me parece participar, em doses eguaes, da fina

ironia de Swift, do pessimismo de Schopenauer, do realismo de Daudet e disto que anda no ar, que se não pode definir e a que chamarei o espirito do tempo.

Dous escriptores, aliás distinctos, não lhe toleram o pessimismo desalentador e doentio que se dilue como um veneno, corrosivo e impalpavel, nas suas paginas recentes e descobrem nelle o proposito de demonstrar que o egoismo é o unico factor das acções humanas.

Pessimismo, não dissimulo que o ha; mas um pessimismo que não é nem a rabuge caduca da velhice, nem a catatonia de um emperrado, que por toda a parte visse a ruína e a morte, que se sentisse invadido pela treva e o mal.

Um pessimismo bem humorado, fino, risonho e delicado, que se não fecha á chave para poder maldizer da natureza e do homem, que não é insensível ao bom e ao bello; mas que se não deixa levar pelo entusiasmo irreflectido dos primeiros annos: producto natural e espontaneo da idade, da experiencia, da observação, tal se nos affigura o pessimismo do *Braz Cubas* e dos *Papeis Avulsos*.

Quanto ao egoismo, não é impossivel que um espirito obscuro e esteril o descubra no fundo das acções humanas e até na propria sentença, que é a base e o principio da religião christã: *Não faças a outrem o que não queres que te façam*.

Todavia, não me parece que um poeta, uma natureza excepcionalmente dotada, ponha empenho em lograr tão mesquinho escopo.

Como quer que seja, porém, si o escriptor é substancialmente pessimista, — transitorio ou definitivo, não importa — a forma é de um apuro deslumbrador, atheniense, irreflexivo, cheio de nugas como a ironia da mulher bonita.

O Sr. Machado de Assis é dos que entendem, e ama bem, que as idéas não bastam a formar o escriptor; preciso tambem fixal-as, por intermedio da arte, com um estylo proprio, copioso, imperecedouro; porque esta estreita união do ingenho e da arte é a característica de todas as obras-primas.

CONFERENCIA NO GREMIO LITTERARIO CASTRO ALVES, por Guilherme Bellegarde. — O erudito Sr. Guilherme Bellegarde, que é egualmente um bibliographo de raça, tirou em avulso, em um nitido folheto de vinte e poucas paginas, a conferencia que realiso no Gremio Litterario Castro Alves, na sessão de 26 de setembro deste anno.

Versou a conferencia sobre dous pontos controversos da biographia de Castro Alves, o humanitario e arrojado poeta dos *Escravos*, — a data do seu nascimento e a data de sua morte.

E ambos estes pontos, cumpre reconhecer, foram judiciosamente aclarados com illustração e um estylo terso e correctissimo, que sobremaneira honram os estudos da lingua portugueza a que o Sr. Guilherme Bellegarde se ha dedicado.

São editores desta ultima publicação os Srs. Lombaert & C^o; e tanto a *Conferencia* como os *Papeis Avulsos* foram impressos nas officinas deste jornal, e mereceram da imprensa fluminense louvores e encarecimentos.

VARIEDADE

A FELICIDADE NO LAR

IV

AS FLORES

(Conclusão)

As plantas custam caro, é certo; todavia algumas ha cujo preço é relativamente barato.

Si, em vez de as comprares n'uma loja, as fores buscar a uma chacara, achal-as-has por preço rasoavel.

As plantas raras, de preço excessivo, não nos causam mais prazeres que as outras.

Julgo que poucas são as flores que não teem encantos.

Que sejam communs ou não, pouco me importa; basta-me que sejam bonitas.

Estou certo que sobre este, como sobre muitos pontos, participas da minha opinião.

Tratemos agora da tua ignorancia com relação á horticultura.

Na tua idade, pode-se ainda aprender o que se não sabe, e o estudo á que me refiro não é dos que offercem menos attractivo.

Com as noções que passo a dar, ficarás habilitado a tratar de qualquer planta.

Entremos pois em materia.

O que é necessario á saúde das plantas?

Ar, luz e agua; uma exposição e uma terra apropriadas á sua natureza.

O nascer e o pôr do sol são as duas melhores exposições para as plantas de raizes fibrosas.

As plantas de batata dão-se melhor com a luz do meio-dia.

Todavia, poucas plantas ha que se não dêem bem com esta ultima exposição, havendo cuidado em abrigar do sol, durante as horas em que elle é mais ardente, aquellas plantas que não podem suportal-o por muito tempo.

No fim de dous ou tres annos é necessario mudal-as de vaso, porque as suas raizes não teem bastante espaço para se desenvolver.

A época mais convinhavel a esta operação é o outomno, quando cabiram as ultimas flores da planta, quando as folhas começam a amarellecer.

Terás cuidado em não deixar á noite nenhuma dose em teu quarto de dormir, porque exhalam os gases que respiram durante o dia e tornam-se nocivas nos aposentos em que o ar não é renovado.

As plantas que não crescem não teem quasi necessidade d'agua. Bastará regal-as uma vez por semana e pouco de cada vez.

Bem vêes, querida, que não ha nisto nada de difficil, nem de excessivamente dispendioso.

O prazer que obterás desta cultura te compensará do trabalho e do dinheiro que é necessario despendere.

Para uma mulher, o gosto das flores é cem vezes preferível ao do vestuario. Este ultimo amesquinha o espirito o outro eleva-o.

JULIA F.